

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GISELE CHAVES DA SILVA

**VEGANISMO E PSICOLOGIA AMBIENTAL: DE UMA ÉTICA INTER-
RELACIONAL PARA UMA ÉTICA DE RELAÇÃO ECOLÓGICA**

Juazeiro do Norte-CE

2018

GISELE CHAVES DA SILVA

**VEGANISMO E PSICOLOGIA AMBIENTAL: DE UMA ÉTICA INTER-
RELACIONAL PARA UMA ÉTICA DE RELAÇÃO ECOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado á Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel

Orientador: Prof. Me Joaquim Iarley Brito Roque

Juazeiro do Norte-CE

2018

VEGANISMO E PSICOLOGIA AMBIENTAL: de uma ética inter-relacional para uma ética de relação ecológica

Gisele Chaves da Silva¹

Joaquim Iarley Brito Roque²

RESUMO

Neste artigo serão descritos dados de uma pesquisa de campo qualitativa na área da Psicologia Ambiental realizada com pessoas adeptas a filosofia de vida vegana, sendo que esses são usuários de uma rede social. A pesquisa contará com ideias de autores que irão mais a fundo no que tange novas formas de praticar a sustentabilidade, que não a antropocêntrica, frisando a importância de uma renovação e fortificação da educação ambiental não somente no início da vida humana, como também em todas as fases, e consequente a essa intenção educacional, fortalecer vínculos entre a sociedade e o meio ambiente. A partir dessa perspectiva não centrada no homem, pretende-se levar em consideração o direito à vida que outras espécies também devem ter, através do abolicionismo e da negação do especismo, o que pode gerar consequências sustentáveis benéficas para o meio ambiente. A relação do homem com o meio ambiente aparece de forma recorrente na pesquisa. Portanto, o artigo abordará todos os pontos citados anteriormente, com o intuito de conhecer melhor o que rege alguns comportamentos do homem quando este está em contato com o meio ambiente, ou seja, como se dá essa relação, que pode ou não ser agressiva ao planeta, aos outros animais e ao próprio homem.

Palavras-chave: Veganismo. Psicologia Ambiental. Sustentabilidade. Educação Ambiental. Homem e meio ambiente.

ABSTRACT

In this article will be described data of a qualitative field research in the area of Environmental Psychology performed with people adhering to the philosophy of vegan life, being that these are users of a social network. The research will have ideas from authors who will go deeper into new ways of practicing sustainability, rather than the anthropocentric, stressing the importance of a renewal and fortification of environmental education not only at the beginning of human life, but also in all the phases, and consequent to this educational intention, strengthen ties between society and the environment. From this perspective, which is not man-centered, it is intended to take into account the right to life that other species must also have through abolitionism and the denial of speciesism, which can generate sustainable consequences beneficial to the environment. The relationship between man and the environment is recurrent in research. Therefore, the article will address all the points mentioned above, in order to know better what governs some behaviors of the man when he is in contact with the environment, that is, how this relationship occurs, that may or may not be aggressive to the environment. planet, to other animals and to man himself.

Keywords: Veganism. Environmental Psychology. Sustainability. Environmental education. Man and environment. Sustainable development

1 INTRODUÇÃO

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: giselechj@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: joaquimiarley@leaosampaio.edu.br

A correlação conflituosa existente entre o corpo social e o meio ambiente nos possibilita entender e visualizar o que chama-se de desequilíbrio ambiental, que, por conseguinte, provoca uma reflexão acerca do que está sendo, e do que pode ser feito a respeito do futuro do planeta e dos que nele se encontram. A partir disso, pode-se pensar também sobre a cultura ambiental a qual estamos inseridos, ou seja, o tipo de educação que recebe-se para preservar o meio ambiente (BRÜGGER,2009).

Percebendo estes fatores, a Psicologia Ambiental chega como uma forma de compreender como se dá a relação homem e meio ambiente, e apesar desta área não ter um caminho longo percorrido, percebe-se que esta tem uma preocupação futura, tendo seu início, em 1960, mantendo seu auge entre 1967 até 1973, sustentando-se até os dias atuais (POL *apud* TASSARA; RABINOVICH, 2003).

Não tão distante desse viés ambiental, encontra-se o movimento vegano, que traz uma visão mais ampla sobre como os cuidados com a luta pelos direitos animais influencia diretamente na sustentabilidade e, por conseguinte, no futuro do meio ambiente. A princípio, o veganismo busca excluir quase que totalmente da vida do sujeito, tudo que seja de origem animal, ou seja, alimentação sem carne, ovos, laticínios ou qualquer outro ingrediente animal ou derivado, assim como não se usam vestimentas feitas de restos animais, nem produtos que testem ou tenham ingredientes provenientes de animais não-humanos (BRÜGGER,2009).

Este artigo tem como objetivo principal compreender como se desenvolve a relação sustentável do homem com o meio ambiente de forma geral, após aderir a filosofia de vida vegana, levando em consideração as interrelações humanas. Para isso, é de extrema importância destrinchar assuntos como o veganismo e suas consequências na vida do homem, considerando que este mantém uma relação ética com os animais. Deve-se também destacar a relação do homem com o meio ambiente e a redução de danos que essa relação poderá vir a causar.

A partir disso, pode-se vislumbrar aspectos até então pouco explorados no meio acadêmico, como o que fora proposto como objeto de estudo, dando margem para que mais pesquisadores se interessem pelo assunto, com a intenção de que possa ser bem mais destrinchado, visto que esse trabalho irá abarcar parte de um tema amplo e extremamente relevante quando se trata de psicologia ambiental e sustentável, bem como da filosofia de vida vegana que tem estreita ligação com essas linhas de estudo.

Do ponto de vista social, destaca-se o fato de que o homem enquanto ser dotado de sentido, através de um processo de conscientização gradativa, pode desenvolver empatia por outros seres além dos domesticados que, assim como ele, de acordo com alguns cientistas, são

seres sencientes, sendo assim, por consequência, preocupa-se com o meio ambiente, pois sabe-se que o uso inadequado e desenfreado de recursos naturais está causando um impacto ambiental significativo. Torna-se importante que as pessoas tenham uma visão crítica e ampla sobre como suas relações com o meio externo reflete consideravelmente em como esse meio irá reagir, gerando assim um processo de conscientização.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 VEGANISMO

De acordo com Ferrigno (2012), para que o veganismo viesse a tornar-se movimento, precisou partir do vegetarianismo, que se trata de uma dieta, ou seja, apareceu inicialmente como uma nova sugestão de alimentação junto ao vegetarianismo.

A respeito de alimentação, mesmo que esta seja decorrente de um construto social, nota-se que visualizando-a no senso comum, há uma naturalização e associação do homem ao consumo de carne animal e seus derivados, classificando-o como onívoro, e consequentemente colocando este em posição dominante a outras espécies. Apesar disto, deve-se considerar que a alimentação vai além da ingestão de alimentos, assim como pensar que cada indivíduo tem uma relação diferenciada com esse ato (LIMA, 2018).

Fazendo uma breve análise, o vegetarianismo teve reconhecimento a partir do século XVIII, onde seus agentes eram pessoas de classe média e com profissões variadas, como padres, comerciantes, médicos, entre outros (TRIGUEIRO, 2013). Para Thomas (*apud* FERRIGNO, 2012), alguns indivíduos aderiram a esse tipo de alimentação após leitura de filósofos conhecidos como Pitágoras, ou através de experimentação desse tipo de alimentação por intermédio de culinária de outros locais, como a culinária indiana, mas ainda, segundo o historiador, a indignação pela exploração e crueldade animal acentuou-se a partir da domesticação de animais pela população que tinha menor contato com as indústrias, sendo que este contato mais próximo com os bichos acabava por desenvolver empatia pelos mesmos, rompendo assim com a naturalização do consumo de animais por seres humanos, apesar de que a realidade do meio urbano difere do meio rural.

Os vegetarianos que iniciaram o movimento contra o consumo de carne enfrentaram opiniões médicas que afirmavam que era essencial o consumo da carne para o bom funcionamento fisiológico humano, bem como lutaram contra grande parte da sociedade, visto que na época em que o movimento iniciou, a carne era um artigo de luxo e bastante apreciado, pois era consumido por pessoas bem colocadas socialmente, portanto, pessoas que lutavam

pelo fim do consumo de carne animal eram vistos como maníacos ou pessoas estranhas ao que os demais consideravam dentro do limite normal de sanidade, porém, essas mesmas pessoas influenciaram a forma de pensar das outras, dando-as a chance de reconsiderar novas formas de alimentação, podendo se tornarem sensíveis a dor dos animais irracionais. O autor destaca ainda que apesar dessa mobilização e sensibilização, ainda houve prevalência de conflito, visto que apesar de os animais serem vidas, os mesmos serviram e servem ainda para satisfação de interesse da sociedade, o que impede a plenitude da concretização do movimento (THOMAS, 1988).

O movimento vegano propriamente dito, surge a partir de 1944 com a criação da *The Vegan Society (A Sociedade Vegana)*, fundada por Donald Watson, com o intuito de lutar contra a crueldade e exploração animal (TRIGUEIRO, 2013).

O chamado especismo que, nesse caso, aplica-se ao domínio da espécie humana sobre os animais, que antes era muito mais forte, ainda continua, porém, a luta por libertação animal vem como uma ruptura para os princípios morais que regem o homem, dando margem para que os animais não-humanos tenham maior visibilidade, retirando-os da condição de meros objetos de satisfação (SINGER, 2010).

Na visão clássica filosófica ocidental, os animais irracionais, ou seja, qualquer outra espécie que se diferencie da humana, deveria ser submissa ao homem, pois havia uma visão antropocêntrica de que as outras espécies serviam para suprir necessidades e satisfazer desejos do homem. Até na bíblia, livro considerado sagrado, traz em seus escritos que o homem pode utilizar dos recursos animais de outras espécies para uso próprio. A respeito da relação do homem com outros seres de espécies diferentes, Peter Singer utiliza-se de uma teoria chamada a Grande cadeia do ser, que diz respeito a explicar os seres de forma organizada, ou seja, em cadeias, como o próprio nome da teoria já explicita, desde o mais simples, até o mais sinuoso, onde entre as espécies, o homem ocupa o topo (HORTA, 2015).

De acordo com Thomas (1988), alguns cientistas do século XVII afirmaram que a arcada dentária e os intestinos humano não foram projetados para serem carnívoros, contribuindo com a ideia de que humanos comerem carne de outras espécies não é de ordem natural.

Para Singer (2010), o direito de igualdade entre os humanos não está pautado em fatos, mas na ideia de que todos, independentemente de sexo, raça, ou qualquer outro fator, devem ter o mesmo direito que seus semelhantes, isto é, todos devem ser tratados de forma igualitária. Portanto, se nossas ações seguem de acordo com nossas preocupações com o

outro, levando em consideração o princípio da igualdade, este deve ser ampliado para todas as espécies que não somente a espécie humana

As pessoas que aderem a essa filosofia de vida excluem da sua alimentação qualquer coisa advinda de seres não humanos, assim como tenta reduzir ao máximo o uso de roupas, utensílios de limpeza pessoal e qualquer outro produto que tenha ingredientes de origem animal, bem como os que são testados, ou são provenientes de empresas que contribuem para exploração e sofrimento desses seres vivos, ou seja, os veganos acabam por abdicar de satisfazer seus desejos em prol da causa animal, seguindo com rigor essa proposta ética (BRÜGGER, 2009).

Para defender os animais, e na tentativa de tirá-los da posição de mera fonte de alimento, os adeptos ao veganismo utilizam-se do argumento plausível de que assim como os seres humanos, os animais sentem dor, comunicam-se com os outros de sua mesma espécie através de uma linguagem diferenciada e característica deles, assim como não menos relevante, são capazes de sentir bem-estar, tanto na alimentação como em outras atividades, fazendo-se assim muito mais próximo do ser humano (DO NASCIMENTO; DA SILVA, 2012).

De modo geral, o veganismo tenta romper com a cultura de consumo de carne e o pensamento antropocêntrico, clarificando e possibilitando uma nova visão de vida, mostrando como o ser humano pode se alimentar de alimentos não sencientes, ou seja, de frutas, grãos, cereais, entre outros e, conseqüentemente, preservando a vida animal do sofrimento do abate, sendo que estes se tornam o maior motivo para impulsionar esse movimento que presa pela igualdade de valor à vida (DO NASCIMENTO; DA SILVA, 2012).

Atualmente, existem as pessoas que defendem o abolicionismo, ou seja, são fiéis a ideia de que algumas práticas devem ser extintas pelo bem dos animais, e existem aqueles que defendem o bem-estarismo, concordando com situações que favoreçam os animais, desde que isso também favoreça seus interesses pessoais, econômicos, políticos, entre outros benefícios. E mesmo existindo leis que abarcam o abolicionismo em relação ao sofrimento animal, estas são poucas em relação ao esperado, pois essa ideia apoia o bem-estar total do animal, não um conforto elaborado pelo qual os humanos consideram mais adequado (BRÜGGER, 2009).

O documentário “Cowspiracy” (2014), mostra sem cortes, como atualmente, ainda em tempos modernos, os animais são tratados como objetos de satisfação humano, exibindo cenas como morte de animais criados em casa, mas que são utilizados para geração de lucro, gado de corte em situações de extrema exploração, entre outras cenas que, por vezes, podem ser chocantes até para quem já é ciente de tais acontecimentos. No mesmo documentário, fatos

relevantes podem ser destacados, como o de uma pessoa vegana poupar diariamente 1.100 litros de água, 45 quilos de cereais, 2,79 m² de florestas, 9 quilos de CO₂ e a vida de um animal, assim como o fato de que mais de 6 milhões de animais são sacrificados por hora para poder alimentar os seres humanos.

2.2 PSICOLOGIA AMBIENTAL

A Psicologia Ambiental aborda vários fatores, porém, aqui será analisado o aspecto ambiental sociocultural e como este influencia na visão de mundo do homem, levando em consideração o processo de conscientização. Esta é considerada uma subárea da Psicologia, representada, por sua vez, por subdivisões de interesse, sendo que uma dessas visa conhecer e entender as consequências do comportamento humano no ambiente, assim como a influência ambiental para que estes comportamentos ocorram (VERDUGO, 2005).

A Psicologia ambiental surgiu após a segunda guerra mundial, com o intuito de auxiliar na reconstrução das cidades afetadas, tendo como nome inicial “Psicologia da Arquitetura”. Esta área da psicologia era bastante determinista de início, pois se restringia apenas a análise da execução de atividades em determinados ambientes, mas, posteriormente, ficou notório que além do aspecto físico, a relação do homem com o meio ambiente deveria ser levada em consideração, ou seja, observou-se que o homem pode modificar seu comportamento de acordo com o ambiente, para que este adeque-se ou se torne mais confortável de acordo com seus objetivos e precisões (DE MELO, 1991).

De Melo (1991), destaca de forma interessante que enquanto os arquitetos têm uma visão restringida da relação do homem e meio ambiente, ou seja, afirmam que o ambiente é que influencia o comportamento do homem, os psicólogos buscam entender o que leva o indivíduo a ter certos tipos de comportamentos em alguns locais, levando essa questão de relação entre homem e meio ambiente a um detalhismo maior, considerando papel social, objetivos, entre outros fatores contribuintes. E foi aproximadamente nos anos 70 que, alguns lugares começaram a ofertar cursos ou disciplinas com esse nome, bem como cursos de mestrado e doutorado e, posteriormente, deu-se impulso para que fossem publicados artigos, textos e revistas abordando a Psicologia Ambiental.

Tassara e Rabinovich (2003), dizem que no Brasil, tratando-se de Psicologia ambiental, “Maria do Carmo Guedes foi uma pioneira no gênero, tendo participado do planejamento de cidades nos anos 1960, dentro de um outro contexto: o surgimento de um Brasil que pretendia tornar presente o eterno “Brasil, país do futuro”.

Giuliani (2004 *apud* LIMA; BONFIM, 2009), diz que de início, na psicologia ambiental, não era considerado relevante o estudo da conexão estabelecida entre o homem e o ambiente, sendo mais frisados os aspectos cognitivos e comportamentais humanos. Entretanto, posteriormente, alguns estudiosos se interessaram em explorar a relação de apego entre pessoas e ambiente, visto que é uma característica humana recorrente e fundamental da espécie, que quando trazido para a realidade atual, pode-se visualizar ambientes cada vez mais funcionais e padronizados, o que dificulta a vinculação das pessoas a esses locais, que acabam servindo apenas para satisfação de necessidades, ocasionando no deslocamento constante de pessoas para novos ambientes (LIMA; BONFIM, 2009).

A Psicologia Ambiental preocupa-se e direciona-se para o modo como as pessoas se sentem, vivenciam ou pensam a respeito de ou em determinados locais ou espaços a qual estão diretamente inseridas e ativas, buscando refletir e entender não somente as implicações ambientais, mas com o que diz respeito a sustentabilidade, que deve ser uma das responsabilidades do ser humano, não se atendo somente a si, mas também a humanidade em geral (LIMA ;BONFIM, 2009).

A psicologia ambiental tem ligação com a psicologia social, e desta deve-se menciona Kurt Lewin e sua contribuição para a psicologia, sendo este o criador do termo “ecologia psicológica”, e conhecido na Psicologia ambiental por causa de sua equação bastante conhecida, que é “ $C = f(P \times A)$ ”, tendo como significado a quebra da visão restrita e tradicional psicológica em que o ambiente (A) influencia o comportamento (C), pelo fato de que a interação entre pessoa (P) e ambiente (A) são influenciadas de forma mútua, não havendo interdependência entre as mesmas (PINHEIRO, 1997).

A psicologia social tem estreita ligação com questões ecológicas e ambientais, pois segundo alguns cientistas, o meio ambiente vem sofrendo transformações drásticas devido ao descuido da humanidade, e isso, conseqüentemente irá interferir na vida das pessoas no que diz respeito a ideologias e outras questões sociais, alterando assim a qualidade de vida destes. Apesar disso, nota-se uma preocupação social, independente de questões subjetivas como ideologia, ou preferências políticas. Ainda assim, a psicologia tem pouco tempo de estudo nessa área, portanto, não consegue dar respostas muito concisas e conclusivas a respeito de algumas questões que envolvem aspectos ambientais ecológicos (CORRALIZA *apud* PINHEIRO, 1997).

A respeito do que fora dito anteriormente em relação ao estudo da psicologia aplicada ao meio ambiente, Moser (2005, p.281), traz que “enquanto psicólogos, colocamos o acento principalmente sobre as diferenças individuais e não o suficiente sobre as diferenças

ambientais”, fazendo uma reflexão acerca das influências ambientais diversas nas subjetividades, e do quanto a psicologia foca na particularidades dos sujeitos, sem destacar da mesma maneira os fatores ambientais divergentes de cada um.

A própria psicologia argumenta que de forma geral não consegue abarcar e entender a finalidade de uma psicologia nomeada ambiental, com o argumento de que a própria psicologia compreende de forma implícita aspectos ambientais, entretanto, é necessário que a mesma tenha essa área de estudo e que tente compreender o homem e o ambiente de forma mais aprofundada, estudando aspectos relacionados entre pessoas e ambiente em que estão inseridas (TASSARA; RABINOVICH, 2003).

Apesar dessa deficiência da psicologia quanto a aprofundamento teórico-prático nessa área, atualmente, alguns psicólogos têm se esforçado para compreender melhor o papel da psicologia dentro dos fenômenos socioambientais, embora perceba-se que a categoria tem dado maior atenção a tentativa de unir algumas abordagens psicológicas que acabam por fragmentar a psicologia, causando desconforto em alguns profissionais. (GARLING; EVANS, 1991 *apud* PINHEIRO, 1997).

2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO

Quando se trata de educação ambiental, Nunes (2009 *apud* DIAS, MARQUES; DIAS, 2000), afirma que desde o início, a humanidade tem iniciativas de tentar transformar o meio ambiente de forma que fosse conveniente, mas nem sempre obtiveram sucesso, podendo se tornar algo desfavorável. A relação do homem com o meio ambiente é o que pode acarretar nos impactos ambientais, ou seja, a forma como ele se relaciona socialmente, culturalmente, dentre outras áreas da vida, é que irá influenciar diretamente na forma como se relaciona com o meio ambiente (DIAS, MARQUES; DIAS, 2000).

Todos os seres vivos podem causar alterações no meio ambiente, sejam elas catastróficas ou não, pois, inicialmente, as alterações passam a ser locais, e dependendo das ações desses indivíduos, ela pode amplificar seu alcance e intensidade, mas o problema em questão não está na quantidade da população ou aumento da mesma no planeta terra, mas sim no modo de vida adotado por estes, que está associado à ideia de aumento de produção desenfreado, que visa o consumismo e conseqüente crescimento da economia, mesmo que isso custe o bem estar da sociedade e do meio ambiente. E com o avanço da tecnologia, passou-se a falsa ideia de que o homem tem poder sobre a natureza, como se fôssemos isolados e independente dela, e isso acaba retornando de forma negativa, pois não há como

agredir o meio ambiente e não sofrer consequências diretas dessas ações (PEÇANHA *et al.*, 2012). Para Grimm (2014), a educação ambiental chega como uma oportunidade de conscientizar a população das possibilidades de ações benéficas para o meio ambiente e, conseqüentemente, para ela, mas para que esses atores sociais fiquem cientes disso, se faz necessário que sejam ativos nesse processo, para a construção de conhecimento coletivo.

Chauí (1997 *apud* SADALA, 1999), afirma que na era ocidental moderna, o pensamento estava centralizado no sujeito e seus princípios éticos e morais, com o desejo de dominá-los, sendo que este sujeito ético e moral é capaz de distinguir e escolher o que é melhor para si e para os outros, podendo abdicar de ações que possam ser agressivas, assim como esse mesmo sujeito impõe regras e valores para o campo da ética e da moral, que pode servir para a coletividade ou individualmente, pois apesar desses valores e normas terem sido impostos antes de tornar-se ser humano, seja culturalmente ou por outros meios, somos capazes de filtrá-los, internalizando o que for conveniente, assim como somos capazes de criar novos valores e regras. Diante disso, existem as intersubjetividades, e sujeitos ético-morais conscientes e com pensamentos distintos, remetendo, portanto, à ideia de que existe o eu e o outro, sendo que esta recorda a alteridade, conceito fundamental para a ética humana (SADALA, 1999).

Apesar de ser conceituada por várias linhas, a alteridade, segundo o Dicionário de Psicologia (1973), é o entendimento conceitual que o indivíduo tem sobre ser diferentes dos outros. Quando se trata do outro na Psicologia, é importante lembrar que se refere a tudo que não seja o Eu, frisando que não é possível falar psicologicamente do eu, sem que antes haja uma inter-relação subjetiva, ou seja, um contato com o outro (FRAYZE-PEREIRA, 1994).

O homem, para Merleau Ponty (1945 *apud* SADALA, 1999), não pode ser isolado, pois para se constituir enquanto ser, precisa estar em contato com o outro, ou seja, precisa ser-no-mundo, pois precisa preencher os vazios. O autor destaca que não há mundo consciente isolado, mas que cada um tem uma percepção interna e própria de mundo, que ao se encontrarem se tornam inter-relações.

Para Carvalho (2012), um sujeito ecológico não é aquele que está amarrado a ideia de que exista uma ecologia integral, pois, para isso, a sociedade também teria que abarcar essa plenitude, portanto, é algo que vai sendo construído aos poucos, de acordo com os comportamentos adotados por essas pessoas que buscam um ideal de vida diferenciado e de compaixão com o meio ambiente. Além disso, a autora questiona se há um perfil para um indivíduo ecológico e se suas subjetividades surtem efeito em suas vidas, discutindo que existem estudos para entender esse tipo de estilo de vida adotado por alguns. Portanto, sabe-se

que independente de ser ativista, educador ambiental ou outro título que possa carregar enquanto sujeito ecológico, não existe plenitude ecológica em todas as áreas de sua vida, ou seja, cada um tem suas peculiaridades, mas, em contrapartida, todos tem um direcionamento em comum, que é a de levantar a bandeira da ecologia, impulsionando outras pessoas a seguirem suas crenças e por vezes reproduzirem suas ações.

Para Narcizo (2009), a educação ambiental deve ser tratada desde os primeiros anos de vida do ser humano, antes mesmo de adentrar a vida estudantil, e posteriormente, deve ser tratada na escola, com crianças, adolescentes e jovens, mas não como uma mera disciplina agregada a uma grade curricular, pois se tornaria algo mecânico, saindo assim do foco principal do assunto, ou seja, a educação ambiental deve ser tratada de forma séria, para que não se restrinja somente a sala de aula, ou ao ambiente escolar, tomando rumos maiores, e sendo repassada adiante pelos alunos, não esquecendo que os professores devem estar conscientes de que o ambiente é um só, isto é, o planeta é único para todos e precisa ser preservado de maneira que todos possam usufruir de seus recursos naturais, bem como contribuir para sua constante melhoria.

De acordo com o artigo 225 da Constituição federal Brasileira, a respeito do meio ambiente, é afirmado que:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (ANGHER, 2006).

Portanto, é de fundamental importância que se desenvolva uma preocupação com o meio ambiente desde a educação infantil, pois, nessa etapa, qualquer mudança ambiental local interfere no processo educativo, ou seja, contribui para mudanças, sejam elas positivas ou negativas, mas, infelizmente, nem sempre os educadores e gestores das instituições de ensino estão atentos ao fator de que a organização do ambiente físico pode interferir no processo de aquisição de conhecimento (CAMPOS-DE-CARVALHO, 2008).

2.3.1 Sustentabilidade e sociedade

Se observado, atualmente o meio ambiente se encontra em extrema instabilidade, com eventos diferentes, sejam eles relacionados ao clima, poluição ou de cunho alimentício, mas independente da área afetada, sabe-se que o homem tem responsabilidade direta nesses acontecimentos, pois é devido às suas intervenções impensadas que o planeta sofre e, ao pensar nisso, deve-se levar em consideração a movimentação da própria humanidade para a

mudança de hábitos, pois esse é o único meio viável para prolongar a existência do planeta e, conseqüentemente, a dos próprios seres humanos (ROOS; BECKER, 2012).

A relação entre os humanos e o meio ambiente pode se dividir em quatro fases, que foram marcadas por uma significativa evolução, onde inicialmente o homem era nômade, e tinham tarefas divididas entre coletores e caçadores em seus grupos, e para sobrevivência de todos, colhiam raízes, folhas e qualquer outra fonte de alimento natural que encontrassem, devolvendo o que não servia para a natureza, ou seja, nessa época os danos ambientais causados pelo homem eram quase nulo, pois este se alimentava de recursos biodegradáveis, então, tudo que era consumido não tinha nenhuma contaminação química que pudesse prejudicar o solo, água, ou qualquer outro meio, apesar de que após a descoberta do fogo, seu uso inadequado poderia causar grandes incêndios (DIAS, 2015).

Posterior a isso, manifestou-se a sociedade agrícola, fase em que a pecuária e agricultura tomaram forma, onde as plantas foram selecionadas por utilidade, sendo reproduzidas separadamente, e algumas foram cruzadas, não havendo muita diferença para os animais, sendo que alguns eram domesticados, e outros reproduzidos e cruzados para fins alimentício, ou seja, eram animais de corte. Essa agricultura veio romper com os métodos menos agressivos da fase anterior, substituindo o natural pelo artificial, chegando a provocar extinção de espécies. Já com o surgimento das civilizações, o homem começou a ter interesse por ampliar seus territórios, população e, conseqüentemente, expandir ainda mais o estoque de recursos alimentícios, ocasionando uma guerra entre humanos e contra a natureza, e quanto mais a população crescia, maior eram os danos ambientais causados, pois com o advento da tecnologia e técnicas, a natureza era contaminada. Por fim, vem a fase industrial, marcada pela revolução industrial, momento em que a agricultura junto a industrialização provocaram a saída de grande parte da população rural para os centros urbanos, dando espaço ao capitalismo, com pessoas bastante consumistas e cada vez menos ligadas ao meio ambiente natural, apesar de que nessa fase, os combustíveis fósseis renováveis e não renováveis fossem bastante utilizados, porém, de forma desenfreada, ocasionando um grande impacto na biosfera (DIAS, 2015).

É possível pensar a sustentabilidade, pois o homem é consciente de que necessita ser sustentável para preservar o planeta e, conseqüentemente, sua vida e as demais, mas, ao contrário do que se sabe a respeito, não é colocado em prática o que sabe-se em teoria para atingir objetivos sustentáveis. Apesar dos impactos ambientais visivelmente grandiosos, antigamente não se tinha pressa em reverter essa situação, apesar da mídia abraçar firmemente

as causas e impactos atuais, mesmo que de forma superficial algumas vezes (BOSELDMANN, 2015).

Quanto à sociedade e sustentabilidade, Boff (2015), fala que existem eixos que são fundamentais para estruturar a sociedade, sendo eles o político, econômico e ético, que atualmente se encontram em níveis diferenciados, visto que o eixo econômico se sobressaiu, tornando tudo mais mercadológico, impedindo que a sociedade se torne de fato sustentável, pois para que isso aconteça, é necessário que todos os eixos estejam em equilíbrio. Além disso, é importante ressaltar que para que se entre em consenso, a sociedade faz o uso da democracia para que todos sejam capazes de opinar e colocar suas opiniões a respeito de determinado assunto, mas analisando o conceito de democracia, é perceptível uma visão antropocêntrica, excluindo as demais espécies do benefício da sustentabilidade, portanto, se deve aplicar uma democracia socioecológica, onde todas as espécies são inclusas e poderão gozar dos benefícios da natureza

Bosselmann (2015, p.27), diz que “o conceito de desenvolvimento sustentável apenas é significativo quando relacionado com a ideia central de sustentabilidade ecológica”, explicando que muitas vezes se tem a ideia de que esse desenvolvimento visa beneficiar primeiramente as gerações futuras, quando na verdade pretende-se promover ações que beneficiem primeiramente as pessoas no presente, apesar que futuramente, as consequências serão benéficas para a nova geração. E atrelado a isso, sabe-se também que o ser humano tem uma ligação com o que é natural e ecológico, mesmo que o capitalismo e consumismo tenham se sobressaído.

Alledi Filho (2014), questiona a respeito da sustentabilidade e ética, o que é o outro, fazendo referência a caminhada coletiva em direção a uma sociedade sustentável, destacando a importância de respeitar o direito do outro à vida, mesmo que seja um animal considerado menos significativo pelo homem, sendo que este ainda assim deve ser tratado com os mesmos princípios éticos que a espécie humana. E se tratando de ética sustentável, o autor elenca alguns princípios direcionadores para a promoção uma relação de ética sustentável, e entre eles fala sobre adotar estilos de vida que aumentem os impactos positivos e diminuam os negativos, beneficiando, conseqüentemente, o bem-estar da sociedade, sendo que incluso nisso, cuidar do outro é de extrema relevância, assim como empoderar-se de forma consciente de que cada um é chave fundamental para que a sustentabilidade seja viável, deixando claro que não existem regras a serem seguidas, muito menos que a caminhada para tornar-se um sujeito ativo sustentavelmente falando não é algo impossível, ou bastante fácil, mas que as coisas mais simples podem ser cruciais para iniciar essa jornada sustentável.

3 METODOLOGIA

Visto que o tema não vem sendo discutido amplamente de forma teórica, tem-se a preocupação de expandir o campo de pesquisa para este tipo de assunto e, para isso, foi pensado uma pesquisa que pudesse abarcar não somente contribuições teóricas de outros autores.

Nesse contexto, trata-se de uma pesquisa de campo, qualitativa e descritiva, que foi realizada com membros de um grupo vegano de uma rede social, onde os mesmos responderam um formulário online feito através da ferramenta Google Forms, que permitiu uma flexibilidade maior na hora de responder ao questionário, assim como contou com a contribuição teórica de alguns autores para a construção e articulação com os dados coletados. O questionário dispôs de perguntas fechadas de múltipla escolha compreendendo a idade, sexo e tempo de aderência ao veganismo, mas em sua maior parte, possui questões abertas, onde os voluntários tiveram a oportunidade de falar livremente a respeito do que era questionado.

Para resguardar os participantes, foram anexados ao formulário os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o Pós esclarecido (TCPE), contendo informações claras e concisas sobre a participação e contribuição voluntária e gratuita na pesquisa, entre outros dados que permitiram que os participantes se sentissem mais à vontade e seguros para responder a pesquisa.

A pesquisa foi realizada com 20 pessoas voluntárias, onde em uma postagem prévia no grupo “Ogros Vegans”, questionou-se quem gostaria de participar da pesquisa. O link do questionário foi enviado no privado para cada usuário interessado, esclarecendo que qualquer dúvida surgida poderia ser sanada por ali, ou outro meio viável para ambos. Para os resultados e discussões dos dados foi feita uma análise de conteúdo, através de tópicos de categorização, com uma pré-análise, exploração de material e por fim tratamento dos resultados obtidos.

Para Bardin (2011 *apud* DOS SANTOS 2012, p.383), “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”, e a respeito da categorização, o mesmo autor diz que esta se trata do agrupamento de informações semelhantes. Portanto, a partir das respostas dos participantes da pesquisa, foram divididas categorias com dados semelhante e relevantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado foi analisado à partir das respostas dos participantes voluntários, em que diante destas, foram divididas categorias de análise, que são: SUSTENTABILIDADE (Comportamentos sustentáveis a partir de um estilo de vida), CONSCIENTIZAÇÃO DO HOMEM À RESPEITO DA SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE (Comportamento pró- ambiental), RESPEITO AO MEIO AMBIENTE: “Veganismo não é só alimentação, gera uma consciência maior sobre a questão ambiental”.

Abaixo segue a tabela com as perguntas utilizadas no questionário, onde o direcionamento das questões teve a intenção de confirmar ou refutar as hipóteses que levaram à realização da pesquisa.

Pergunta 1	Idade
Pergunta 2	Sexo
Pergunta 3	Há quanto tempo você é vegano?
Pergunta 4	Sendo vegano, você se considera uma pessoa sustentável?
Pergunta 5	Após o veganismo, como se tornou sua relação com o meio ambiente de forma geral?
Pergunta 6	Ao tornar-se vegano, você mudou alguns dos seus hábitos de vida e atitudes relacionadas ao meio ambiente?
Pergunta 7	Você possui algum tipo de hábito sustentável? Descreva.
Pergunta 8	Para você, o estilo de vida vegano traz algum tipo de benefício para o meio ambiente? Explique.
Pergunta 9	Você acha que a filosofia de vida vegana contribui para a melhoria na relação do homem com o meio ambiente? Se sim, porque acha isso?
Pergunta 10	Analisando sua vida antes e depois do veganismo, você considera que sua relação com o meio ambiente teve alguma melhoria? Justifique.
Pergunta 11	Você se sente comprometido a manter ou adquirir hábitos sustentáveis com o meio ambiente após ter transitado para a filosofia de vida vegana? Explique.
Pergunta 12	Você acha que o veganismo influencia na conscientização e comportamento pró- ambiental? Justifique.

4.1 SUSTENTABILIDADE: COMPORTAMENTOS SUSTENTÁVEIS A PARTIR DE UM ESTILO DE VIDA

No questionário, algumas perguntas discutiam sobre comportamentos sustentáveis ou pró-ambientais, se os participantes tinham hábitos deste tipo, entre outros questionamentos acerca do assunto. Para Boff (2015), sustentabilidade é tentar manter e renovar recursos que

venham a favorecer o planeta terra e todos que nele habitam de forma a cuidar do presente e, conseqüentemente, e não menos importante, das gerações futuras.

Percebe-se que alguns participantes, na pergunta 4, responderam que se consideram sustentáveis estando na condição de filosofia de vida adotada, sendo mais específica, 60%, enquanto 20% não se considera sustentável, e mais 20% restante se considera parcialmente sustentável, que pode ser observado na fala de um dos sujeitos, onde este diz *“não, porque na cidade grande existem muitas ‘coisas’ não veganas que acabamos usando”* (N.S.). Enquanto para a população em geral hábitos sustentáveis se restringem apenas a diminuir alguns hábitos básicos, como fechar torneira ao escovar os dentes, tomar banhos curtos, entre outros. Percebe-se nas respostas dos participantes que o veganismo ampliou sua forma de perceber questões ambientais que prejudicam a natureza e a eles mesmos. Pode-se notar isso na seguinte fala: *“passei a perceber os danos que o consumo de produtos de origem animal causa ao meio ambiente e isso me motivou a não voltar atrás da escolha que havia feito em me tornar vegana”,* (T.G.) e *“Passei a me preocupar mais com a quantidade de lixo que produzo. Tento reduzi-lo ao máximo”* (C.L.), deixando claro que os participantes têm um olhar mais ampliado sobre sustentabilidade e impactos ambientais após aderirem ao veganismo, sensibilizando-os, assim como nota-se que ainda assim, existe a preocupação consigo, pois as conseqüências diretas de suas ações irão retornar para si, que é perceptível nesta fala *“As agressões ao ambiente também me agridem”* (L.T.).

A transição de hábitos aos quais estavam acostumados, devido a cultura em que estão inseridos, para hábitos totalmente diferentes, implica em uma mudança drástica e radical, demandando esforço e reconhecimento por parte dos veganos. Ver-se que estes, mesmo não se considerando sustentáveis, acabam sendo. Visto que, o próprio movimento vegano conseqüentemente promove a sustentabilidade, pois de acordo com Do Nascimento e Da Silva (2012), em sua pesquisa, o movimento pecuarista causa grandes impactos ambientais, e a aderência ao veganismo, contrário a pecuária, reduz drasticamente os danos ao meio ambiente, assim como aos animais, ou seja, apesar de não se considerarem sustentáveis, acabam contribuindo da mesma maneira.

A resposta de um dos participantes sobre os benefícios de um estilo de vida vegano para o meio ambiente mostra com clareza o que foi notado na maioria das respostas dos demais, retratando de forma detalhada os impactos benéficos e sustentáveis do veganismo:

... muitas árvores precisam ser derrubadas para que se tenha área propícia, tanto para a criação de animais, quanto para o cultivo de grãos que possam alimentá-los. Estes animais, por sua vez, produzem uma grande quantidade de gás metano e gás carbônico (especialmente o gado), contribuindo para a intensificação do efeito

estufa, e conseqüentemente, o aquecimento global. Caso essas áreas fossem utilizadas apenas para o cultivo de grãos/verdura/legumes, que viessem a alimentar diretamente os humanos, as áreas de terras cultivadas não necessitariam ser tão extensas, e o desmatamento seria menor. Além disso, o gasto de água também diminuiria bastante. Já com relação ao consumo de animais marinhos, sabe-se que grande parte do plástico presente hoje no mar é resultante das redes de pesca. Além disso, o excesso de resíduos de peixe e alimentos não consumidos também polui os oceanos. O veganismo traz benefícios ao meio ambiente por se opor a tudo isso. (C.L.)

Foi possível perceber, durante a leitura realizada, que os participantes se preocupam com os animais, como se é esperado de pessoas veganas, porém, essa filosofia de vida os levou a pensar além, bem como notou-se um compromisso maior em continuar praticando hábitos sustentáveis, ampliando cada vez mais o campo de visão quanto a essas ações, e isso é perceptível na fala a seguir: *“Vejo o quanto já consegui mudar pra melhor, e me sinto motivada a continuar por esse caminho” (C.L.)*.

A respeito desse compromisso do homem com o meio ambiente através de hábitos sustentáveis, Jacobi (2003, p.191) diz que “a preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades”, e de acordo com o que foi percebido nas respostas, há uma preocupação em mudar os hábitos, sem que isso prejudique nenhuma espécie, nem o meio ambiente.

4.2 CONSCIENTIZAÇÃO DO HOMEM A RESPEITO DA SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE (COMPORTAMENTO PRÓ- AMBIENTAL)

Sobre o processo de conscientização, Vieira e Ximenes (2003), elucidam uma reflexão, explicando que conscientização é um modo de analisar criticamente a realidade, desvendando o que há por trás do que já se acredita ser único, ou seja, é ver de outras formas a realidade que o cerca, ampliando seu campo de visão e conhecimento.

Para conseguir aderir ao estilo de vida vegano, é preciso um processo de conscientização bastante apurado, pois antes disso é necessário analisar a realidade de uma forma nunca vista anteriormente e, conseqüentemente, mudar concepções a qual o sujeito já estava acostumado, pois culturalmente lhes foram impostas sem questionamentos. O veganismo dá ao sujeito a possibilidade de ampliar o leque de opções para uma nova forma de vivenciar e ajudar o meio ambiente e os animais. Notou-se nas falas dos participantes que após o veganismo, os mesmos afluíram suas emoções e tiveram um contato mais próximo com o meio ambiente, que pode ser visto na fala de um dos sujeitos quando diz *“O veganismo e a preocupação com o meio ambiente estão intimamente relacionados, uma vez que não há*

como pensar no bem estar animal e ignorar os danos que são causados pelos seres humanos à natureza (habitat natural dos animais)” (C.L.), ou seja, percebe-se uma intenção relacionada a comportamento pró-ambiental através de uma mudança de visão de mundo após adotar o veganismo como estilo de vida.

Pinheiro (1997), fala da dificuldade que o homem tem de compreender e abraçar a causa ambiental, sendo que este fato tem despertado atenção e curiosidade de pessoas de renome, como autores e instituições comprometidos com a ciência que tem interesse no assunto, pois não se pode ajudar a geração futura se não ampliar o campo de visão em relação aos desastres ambientais, ou seja, é preciso conscientizar-se e apropriar-se desses fenômenos que devem e são do interesse da população, mesmo que ainda esteja despertando aos poucos.

De Souza (2009, p.111), a respeito do nosso processo de despertar para conseguir ver a realidade tal qual ela é ou como não nos é apresentada diz:

É possível que nós, produtores de conhecimentos formados sob a égide do paradigma da racionalidade, tenhamos nos tornado menos capazes de compreender a realidade e seus problemas justamente porque nossa lógica de pensar não se constituiu pela observação do todo, mas das partes, que tornam invisíveis as interações, as interpelações, as intersubjetividades, a complexidade.

Para tanto, nas respostas obtidas, nota-se que sendo veganos, os participantes saem dessa lógica trazida pelo autor acima de pensar em partes, trazendo uma nova forma de se relacionar com o meio ambiente, com os animais, com o outro e consigo mesmo. E a partir de então, há uma visão de todo muito mais significativa, claro que, levando em consideração a subjetividade de cada ser. Vale ressaltar as seguintes respostas a respeito da relação de alguns dos sujeitos participantes com o meio ambiente após aderir ao veganismo e sua conscientização perante o mesmo:

“aumenta a consciência geral sobre o uso e consumo, bem como o impacto que nosso estilo de vida causa ao meio ambiente”. (C.T.)

“Antes tinha um consumo desnecessário e nada consciente. A única obrigação perante a natureza que eu tinha era a separação de lixo reciclável, algo que não abri mão hoje, mas me vejo muito mais responsável pelos meus atos diante da natureza”. (L.S)

“O veganismo te leva a pensar não só em você como raça humana, te leva a pensar como mais um habitante do planeta terra e que outros também dividem esse espaço contigo. E assim como temos que respeitar uns aos outros dentro da espécie, temos o dever de respeitar as outras espécies, pois dependemos uns dos outros”. (V.S.)

Nota-se igualmente um comentário importante feito acerca do veganismo e meio ambiente *“a maioria dos vegs ou livros e etc. não falam muito sobre isso” (N.S.),* deixa a interpretação de que apesar de serem conscientes de suas contribuições, mesmo que indiretas

ao meio ambiente, as causas pró-ambientais não são muito debatidas nos espaços veganos, sejam eles redes sociais, restaurantes, entre outros. O que leva a pensar que é preciso ampliar o leque teórico de informações a respeito de um assunto bastante preocupante e atual.

Sobre os comportamentos pró-ambientais dessa relação de ética ecológica do homem com a natureza, De Oliveira (2002), destaca que a relação do homem com o meio ambiente se dá através do trabalho, porém, ao adentrar no mercado capitalista, o trabalho não se torna mais uma troca natural e gratuita dos recursos, sendo assim, o veganismo é para os participantes uma forma de se aproximar da natureza sem custos, sem contar que tornam-se conscientes de que a cadeia de produção de produtos de origem animal tem seu impacto na natureza, como é possível perceber no comentário feito por um dos participantes a respeito de não saber desses danos antes de tornar-se vegano: “...*não sabia da calamidade que é o impacto ambiental da cadeia de produção dos produtos animais...*” (M.S)

4.3 RESPEITO AO MEIO AMBIENTE E RELAÇÃO ÉTICA COM OS ANIMAIS:

“Veganismo não é só alimentação, gera uma consciência maior sobre a questão ambiental”

O veganismo é visto como uma forma de manifestação extremista, pois, culturalmente, o homem sempre foi adepto ao consumo de carne e derivados, bem como a usufruir do que os animais têm a oferecer além da carne. Porém, independente do que se pensa, o veganismo busca apenas a libertação animal, de forma que estes possam ter direitos iguais aos direitos humanos (PAZZINI, 2014).

Além do que traz a autora, foi percebido uma questão maior acerca do veganismo, onde os participantes esboçaram uma preocupação e respeito máximo ao meio ambiente, claro quando dito que:

“...penso que o veganismo e hábitos sustentáveis são muito próximos”. (L.S.)

“... o veganismo foi apenas o início dos compromissos que tenho em relação ao meio ambiente. Após essa escolha, mudei diversos hábitos para levar uma vida mais sustentável”. (M.N.)

“... agora tenho a consciência mais tranquila em relação à meus hábitos. Tento fazer o que acredito que a natureza espera de mim”. (C.L.)

“Eu não era muito ligada na natureza, e hoje tenho uma conexão enorme com o meio ambiente”. (N.M.)

É notório a preocupação e o respeito estabelecido por essas pessoas com a natureza, que certamente é um bem comum de todos, e que sem ela não seria possível dar continuidade a vida, seja humana ou de outras espécies, sendo que alguns preocupam-se em produzir menos lixo, outros em utilizar menos recursos, mantendo-se mais naturais, mas

independentemente do tipo de ação, os participantes querem e fazem o máximo para que a natureza seja respeitada e preservada, indo além das questões alimentícias;

Ao analisar todas as respostas, percebeu-se que essa questão de cuidado e respeito ganha uma repercussão geral entre os veganos participantes também quando se trata de uma relação ética com os animais, sejam eles animais de corte, usados para testes, entretenimento humano, ou até mesmo os considerados pets, onde dentro da luta, busca-se incluir mais espécies nessa linha de classificação moral, onde os humanos dominam firmemente, ou seja, o veganismo tenta romper com esse antropocentrismo.

Fischler (1995 *apud* DE LIRA, 2013), a respeito da alimentação diz que os alimentos que são ingeridos nos conectam ao meio externo, nos localizando no universo, e a partir do veganismo, pode-se situar os animais não humanos no mesmo patamar que o nosso, não havendo privilégios morais apenas para a espécie humana.

O veganismo vai além da alimentação, pois suas consequências geram uma relação mais próxima e delicada com tudo o que cerca o sujeito, como uma espécie de sensibilização ampliada, onde todos os laços estabelecidos pelo sujeito se tornam mais sensíveis e significativos para ele. As falas a seguir expressam toda essa sensibilidade percebida pelos participantes:

“Tomo muito mais cuidado com diversas questões relacionadas ao meio ambiente (lixo, consumo de energia, desperdício de água etc)” (M.N.)

“...passei a ver minha alimentação como algo relacionado com o ambiente e necessário” (B.R.)

“O laço entre o vegano e a natureza é maior pois utilizamos mais dela, a preservamos mais e sentimos que é uma obrigação cuidar do pouco que nos resta.” (B.C.)

“Tira a humanidade do pedestal acima de todas as outras formas de vida e a coloca como par, igual, irmãos com a natureza e os demais animais.” (M.S.)

Portanto, diante do que fora exposto, entende-se que a respeito dessa relação de cuidado e ética animal, não se limita somente aos animais de outras espécies, pois apesar da luta pelo fim do especismo, há uma preocupação com o homem, mesmo este sendo causador de catástrofes ambientais, e sofrimento animal, assim como há um estreitamento de laços entre homem, animais irracionais e a natureza em si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, foi possível notar uma dificuldade em encontrar variedade de publicações acerca da psicologia ambiental, assim como sobre veganismo, apesar de que as

publicações encontradas tinham uma riqueza de conteúdos capaz de suprir as necessidades de quem precisasse conhecer mais sobre os assuntos, entretanto, deixa a desejar quando se trata de utilização para a construção de novos artigos baseados nas ideias de outros autores.

Analisando os dados e resultados, pude perceber uma homogeneidade de pensamentos dos participantes a respeito de desenvolver hábitos sustentáveis após aderir ao estilo de vida vegano, sendo que este em sua essência traz benefícios indiretos para a natureza e para os seres humanos, pois seu objetivo principal está voltado para abolição do sofrimento e exploração animal. Além de observar uma falta de atenção voltada para essas pessoas, que enfrentam bastantes obstáculos para se colocarem e exporem suas ideias socialmente falando, pois sabe-se que vão contra o que a maioria da população acredita e defende, que é o uso de animais para benefício humano, contanto que esses não sejam animais de estimação.

Diante desses novos acontecimentos com o meio ambiente, se vê a necessidade urgente da inserção da psicologia ambiental nos centros acadêmicos, pois não se aborda esse tipo de fazer da psicologia no decorrer do curso, sendo que diante de desastres e emergências, é primordial que um profissional de psicologia tenha uma base de conhecimento para intervir em situações que envolvam a relação do homem com o meio ambiente, assim como a fragilidade de vínculos com o ambiente que possa surgir devido a esses fatores e acontecimentos.

A respeito das questões relacionadas a educação ambiental, é notório que a falta desta impacta o meio ambiente, e que mesmo aderindo ao estilo de vida vegano, não necessariamente já se tem uma noção total sobre educação ambiental, mas ficou perceptível que este meio de vida permite ao homem entender melhor algumas questões que antes eram pouco vistas e conseqüentemente, desperta o interesse do mesmo para pesquisar, estudar e descobrir novas possibilidades de atuação benéficas ao meio ambiente, constituindo assim um meio de educação ambiental, mesmo que de forma independente, onde esta pode atingir outras pessoas.

Entende-se que a hipótese a respeito da pesquisa tenha sido confirmada através dos dados coletados, entretanto, tem-se a necessidade de expandir ainda mais pesquisas de campo nesse viés, com o intuito de abarcar mais ideias e pensamentos de pessoas com essa filosofia de vida, sensibilidade e preocupação com o meio ambiente, pois é de suma importância uma ampliação de educação ambiental e conscientização do homem acerca do que se passa com o planeta, dando-lhe autonomia para que o mesmo possa tornar-se ator direto em ações que beneficiem a si, ao meio ambiente e ao outro.

REFERÊNCIAS

- ALLEDI FILHO, Cid. A ética da sustentabilidade. In: PEREIRA, Tânia da Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme; MELO, Alda Marina de Campos (Org.). **Cuidado e Sustentabilidade**. São Paulo: Atlas, 2014.
- ANGHER, Anne Joyce (org.). Constituição Federal. 3^a. ed. **São Paulo**: Rideel, 2006. 1600 p.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é-o que não é**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- BOSELNANN, Klaus. O princípio da sustentabilidade: transformando direito e governança. **Tradução de Phillip Gil França**. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, p. 244, 2015.
- BRÜGGER, Paula. **Nós e os outros animais: Especismo, Veganismo e Educação Ambiental. linhas críticas**, Brasília, 29, dez, p.197-214, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/6409/5784>>. Acesso em: 12 de novembro de 2018.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara et al. Psicologia ambiental, Psicologia do Desenvolvimento e Educação Infantil: integração possível?. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 18, n. 39, p. 25-40, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000100004&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 19 de novembro de 2018.
- CARVALHO, Isabel. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- CORRAL-VERDUGO, V. Psicologia ambiental: objeto, “realidades” sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. **Psicologia USP**, São Paulo 2005, v. 16, n. 1/2, p. 71-87, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41838/45506>>. Acesso em: 13 de novembro de 2018.
- DE LIRA, Luciana Campelo. “O outro lado do muro”: natureza e cultura na ética animalista e no ativismo vegan. **Revista Antropológicas**, v. 24, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23790>>. Acesso em: 19 de novembro de 2018.
- DE MELO, Rosane Gabriele C. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia USP**, v. 2, n. 1-2, p. 85-103, 1991. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771991000100008>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.
- DE OLIVEIRA, Ana Maria Soares. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 3, p. 1-9, 2002. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/793>>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.

DE SOUZA, João Carlos. A relação do homem com o meio ambiente: o que dizem as leis e as propostas de educação para o meio ambiente. **Revista Brasileira de Direito Constitucional**, v. 13, n. 1, p. 107-139, 2009. Disponível em: < [http://www.esdc.com.br/RBDC/RBDC-13/RBDC-13-107-](http://www.esdc.com.br/RBDC/RBDC-13/RBDC-13-107-Monografia_Joao_Carlos_de_Souza_(Homem_e_%20Meio_Ambiente).pdf)

Monografia_Joao_Carlos_de_Souza_(Homem_e_%20Meio_Ambiente).pdf >. Acesso em: 17 de novembro de 2018.

DIAS, Leonice; MARQUES, Maurício; DIAS, Lucas. Educação, Educação Ambiental, Percepção Ambiental e Educação. In: DIAS, Genebaldo Freire *et al.* Educação ambiental. **Princípios e práticas, 6ª Edição**. São Paulo: Editora Gaia, 2000.

DIAS, Reinaldo. Sustentabilidade-origem e fundamentos; educação e governança global; modelo de desenvolvimento. **Editora: Atlas**, 2015.

DICIONÁRIO de Psicologia. 5ª. ed. **São Paulo: Itamaraty**, 1973.

DO NASCIMENTO, Joelma Batista; DA SILVA, Vinicius Gabriel. Veganismo: em defesa de uma ética na relação entre humanos e animais. **Caos Revista Eletrônica de Ciências Sociais/UFPB**, v. 21, p. 73-90, 2012. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n21/8.%20Veganismo.pdf>>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

DOS SANTOS NARCIZO, Kaliane Roberta. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 22, p.86-94, 2009. Disponível em: < <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2807/1585> >. Acesso em: 22 de novembro de 2018.

DOS SANTOS, Fernanda Marsaro. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin**. 2012.

FERRIGNO, Mayra Vergotti. **Veganismo e Libertação Animal: um estudo etnográfico. Campinas: Unicamp, 2012**. 294 f. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pósgraduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279340/1/Ferrigno_MayraVergotti_M.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

FRAYZE-PEREIRA, João A. A questão da alteridade. **Psicologia USP**, v. 5, n. 1-2, p. 11-17, 1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100002>. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

GRIMM, Isabel Jurema *et al.* Educação para o Ecodesenvolvimento: Monitoramento de Indicadores Socioambientais. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Educação ambiental e sustentabilidade. In: **Educação ambiental e sustentabilidade**. 2014.

HORTA, Reginaldo José. **Por uma ética não especista: Peter Singer e a questão do estatuto moral dos animais não-humanos**. 2015. 180 f. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte. Disponível em:< <https://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/120216-xg0mmjatZzq.pdf>>. Acesso em: 19 de novembro de 2018.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**, n. 118, p. 189-205, 2003. Disponível em: <Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade.>. Acesso em: 16 de novembro de 2018.

LIMA, Deyseane MA; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**, v. 40, n. 4, p. 11, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4711>>. Acesso em: 12 de novembro de 2018.

LIMA, Pâmela Pitágoras Freitas. **A construção social da alimentação: o vegetarianismo e o veganismo na perspectiva da psicologia histórico cultural**. 2018. 135 f. Tese de Doutorado. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25668/1/Tese_Pamela_pospsi_versao_final_oficial.pdf>. Acesso em: 12 de dezembro de 2018.

MOSER, Gabriel. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. **Psicologia Usp**, v. 16, n. 1-2, p. 279-294, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24666.pdf>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

PAZZINI, Bianca. O veganismo como prática de justiça e igualdade: perspectivas descoloniais pela consagração de um novo direito. **RI FURG - Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande**, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/5202>>. Acesso em: 25 de novembro de 2018.

PEÇANHA, Marcela *et al.* Saúde e meio ambiente. In: ROSA, André Henrique; FRACETO, Leonardo F.; MOSCHINI-CARLOS, Viviane. **Meio ambiente e sustentabilidade**. Bookman, 2012.

PINHEIRO, José Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 377-398, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a11v02n2.pdf>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

ROOS, Alana; BECKER, Elsbeth Leia Spod. Educação ambiental e sustentabilidade. **Revista eletrônica em gestão, educação e tecnologia ambiental**, v. 5, n. 5, p. 857-866, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/4259/3035>>. Acesso em: 21 de novembro de 2018.

SADALA, Maria Lúcia Araújo. A alteridade: o outro como critério. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 33, n. 4, p. 355-357, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v33n4/v33n4a05>>. Acesso em: 21 de novembro de 2018.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Perspectivas da Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, n. 2, p. 339-340, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19052.pdf>>. Acesso em: 12 de novembro de 2018.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. Mudanças nas atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.

TRIGUEIRO, Aline. Consumo, ética e natureza: o veganismo e as interfaces de uma política de vida. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 10, n. 1, p. 237-260, 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n1p237/24902>>. Acesso em: 12 de novembro de 2018.

VIEIRA, Emanuel Meireles; XIMENES, Verônica Morais. Conscientização: em que interessa este conceito à psicologia. **Psicologia Argumento**, v. 26, n. 52, p. 23-33, 2008. Disponível em: < <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19735>>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.